



Ultimos momentos de um combate

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
À cobrança feita pelo correio ou pelo co- brador accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Número avulso	60

Collegio Lyceu Português Figueira da Foz

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida. — Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam. Cursos completos de instrucção primaria e secundaria. Professores estrangeiros para o ensino das linguas. Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

Enviam-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.



Sementes

de hortaliças, flôres, arvoredos, cereaes, pastos, etc.

Pedidos de catalogos a:

Alfredo Carneiro de Vasconcellos & Filhos

105, Rua de S. João, 111 — PORTO

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Utilissima associação de beneficencia para todo o clero

Distribue subsidios por occasião de doença, suspensão, prisão e falta de collocação.

Para esclarecimentos dirigir

EM LISBOA

ao presidente da direcção Mgr. Alfredo Elviro dos Santos, Avenida Fontes Pereira de Mello, 41;

EM BRAGA

ao Padre Antonio José de Carvalho, Rua de Santa Margarida, 9.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 12 de dezembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 76—Anno II



FRANÇA — O governador de Paris passando revista aos «boy-scouts» no Campo de Marte

Chronica da Semana

LXXV

Santa Maria de Portugal

Revôa por toda a terra portugueza n'este dia, todo um côro immenso de preces, desfolhando aos pés de Nossa Senhora... E' a alma da patria erguida n'uma ancia trememente de supplica.

De nossas boccas solta-se um brado vivo de louvor A'quella que nas eras sublimes da aventura, da galhardia e do sonho em que Portugal se formava para o delirio febril das suas epopeias rebrilhantes e para o fatalismo nostalgico e romantico dos seus maus fados, curvou para a sua frente — pedestal de aguias e urna de tristezas — os olhos calmos e disse-lhe, sorrindo, as palavras de esperança que levam á victoria ou ensinam a vêr nas proprias dôres o ninho de grandes alegrias.

Quem pudesse adentrar o espirito dos fieis que hoje erguem as mãos junto dos altares, quem pudesse percorrer n'este dias as brancas ermidas de Portugal, veria como as preces são feitas de uma só prece. As flores que adornam os thronos e baldaquinos d'onde a Virgem sorri, tambem exalam, todas juntas, em ramo, um só aroma como suave emanação de rosas...

Essa prece não é apenas da geração a que pertencemos, não é apenas da nossa alma atribulada e triste. E' antes, muito antes, o echo da voz longa e perdida da tradição ancestral que nos embala o jubilo de sermos portuguezes, porque essa prece é, sobretudo, dominada pelo desejo de ver maior a nação para a qual Nossa Senhora de ha muito inclinou seu rosto.

Estamos todos a rezar á hora do sol-posto da raça. Na curva infinita dos nossos céos andam errando tristezas indiziveis, e é como se nossas esperanças esmaecessem, derramadas em lagrimas.

Nunca rezamos talvez com mais fervor do que agora em Portugal, e sempre foi que, nos tempos d'adversidade funda, em que o futuro nacional tem incertezas de horisontes longinquos sob

nevoas baças; em que a desgraça de não ser livres nos tortura; em que a revolta e o desagrado fermentam sob as cou-raças dos soldados, sempre foi que n'estes tempos o desejo de viver feliz na terra sagrada dos nossos berços cresceu de par com a evolução ascensional das orações!...

Terra de Santa Maria! Não quer para si outro nome a nossa terra.

... Foi ha seculos, nas edades de oiro d'ella. Debaixo dos muros de Ceuta, rei e os infantes, a inclita geração do poeta, aguardavam o momento do assalto. O Mestre d'Aviz dissera animoso: *em nome de Deus e da Virgem Maria, cujo dia é amanhã, sejamos todos fortes e prestes*. Todos o foram na refrega, ao fim da qual se lembraram tambem da rainha, que n'uma agonia branda de anjo, lhes promettera, do leito de morte, vêr-lhes as façanhas lá do alto do céu, ao lado de Nossa Senhora que já a estava chamando...

Terra de Santa Maria! Não quer outro nome para si a nossa terra, áquem e além mar!

... Hoje, debaixo das muralhas de uma outra cidadella onde a fé é cuspidada, milhares de moços portuguezes que buscam no exemplo dos avôs illustres as normas e titulos d'honra de suas vidas, aguardam tambem a hora louca e bella da batalha, sentindo a alma franjada da luz aureolada das manhãs, e recordam tambem aquelles votos solemnes dos velhos heroes que depois de corregêrem a face branca das suas espadas as foram bater nas lages e tocar nas aras puras de Santa Maria das Victorias para que de melhor tempera ficassem, na grangearia ardua dos laureis para a Patria.

Nossa Senhora é para esses milhares de moços o anjo que lhes descerra ante os olhares ardentes a alvorada do triumpho, a arder em purpura. Para Ella, nós os moços de hoje, levantamos as flôres dos nossos sonhos e vertemos o sangue dos nossos sacrificios. Para Ella, reza hoje, em especial unisono, a juventude christã e patriotica do meu paiz!

... Mães muito amadas e muito soffredoras, noivas do infortunio e da esperança, creanças loiras e contentes, orphãs de lar e beijos, — erguei piedosas para Nossa Senhora de Portugal as vossas mãos franzinas... F. V.

A revolução de 1848

A revolução de 1848, em Paris, tem notáveis e vastas semelhanças com a revolução de 1910, em Lisboa. O leitor da *Illustração Catholica* não perde o seu serão lendo esta pagina de historia, pelo que ella encerra de ensinamentos apreciaveis, mormente n'esta hora tão incerta para a nossa querida patria.

Nos derradeiros dias do anno de 1847 o governo de Luiz Filippe estava tão pro-



Luiz Filippe I

fundamente desprestigiado que Tocqueville disse da tribuna: *A classe que governa dá o mais deploravel exemplo... O sentimento da moralidade desaparece, eleitores e eleitos, altos e baixos funcionarios, tudo que tem parte no governo, só trabalha para o seu bem estar proprio.*

O rei recusava teimosamente acceder ás reformas reclamadas pelos monarchicos avançados, e dizia ás ameaças d'uma revolução:

— Não hei de commetter os erros que commetteu Carlos X, hei de saber tomar um pouco melhor as minhas medidas e defender-me melhor.

Rebentou a revolução, ergueram-se nas ruas de Paris mil e quinhentas barricadas. Luiz Filippe cedeu um pouco. Mas já então o grito era:

— Abaixo Luiz Filippe!
A medida que o rei cedia, e porque cedia sempre tarde, crescia a ira da multidão, onde iam dominando os republicanos. Odilont Barrot



Odilont Barrot

foi chamado ao paço e prometteu apaziguar a multidão, mas d'uma barricada responderam-lhe:

— Nós conhecemos-te, Barrot! tu és um homem de bem, defendes o povo; mas enganam-te como já te enganaram em 1830!

Barrot retirou desilludido. O grito era já:

— A's Tulherias! A's Tulherias!

A guarda nacional fraternisava com o povo, e as tropas estavam bloqueadas pelos insurrectos. A revolução triumphava. Querendo o rei certificar-se das disposições da guarda nacional, montou a cavallo e passou revista a alguns destacamentos, mas sendo recebido friamente, retirou-se dizendo a Thiers:

— Já vejo que está tudo acabado!

Fallaram-lhe em abdicar, mas o velho rei teve um assomo de energia:

— Só abduco da corôa abdicando da vida!

Porém, as descargas succediam-se e as tropas debandavam ou confraternisavam com os insurrectos. A rainha e as filhas accusavam de traição todos os que rodeavam o rei, era indescrível a desordem e a confusão. Ouvindo dos generaes que era impossivel defender as Tulherias, Luiz Filippe pediu uma penna e escreveu: *Abduco a corôa, que pelos votos da nação fui chamado a cingir, em favor de meu*

neto o conde de Paris. Oxalá que elle desempanhe satisfatoriamente a alta missão que hoje lhe é confiada.

Declarava ás dez horas que jamais consentiria na dissolução da Camara, ás onze horas dizia que só lhe arrancarião a abdicação com a vida, ao meio dia deixava de reinar. Assignada a abdicação, toda a multidão que se atropellava nas salas do paço, generaes, officiaes, deputados, cortezãos e funcionarios foram sahindo, sem querer saber do rei apeado, do seu herdeiro nem da mãe d'essa creança a quem o seu avô legava uma corôa quebrada.

A multidão penetrou nas Tulherias, e um popular assentou-se no throno e saudou gravemente o povo no meio d'um côro de gargalhadas. Este throno foi seguidamente queimado na praça da Bastilha.

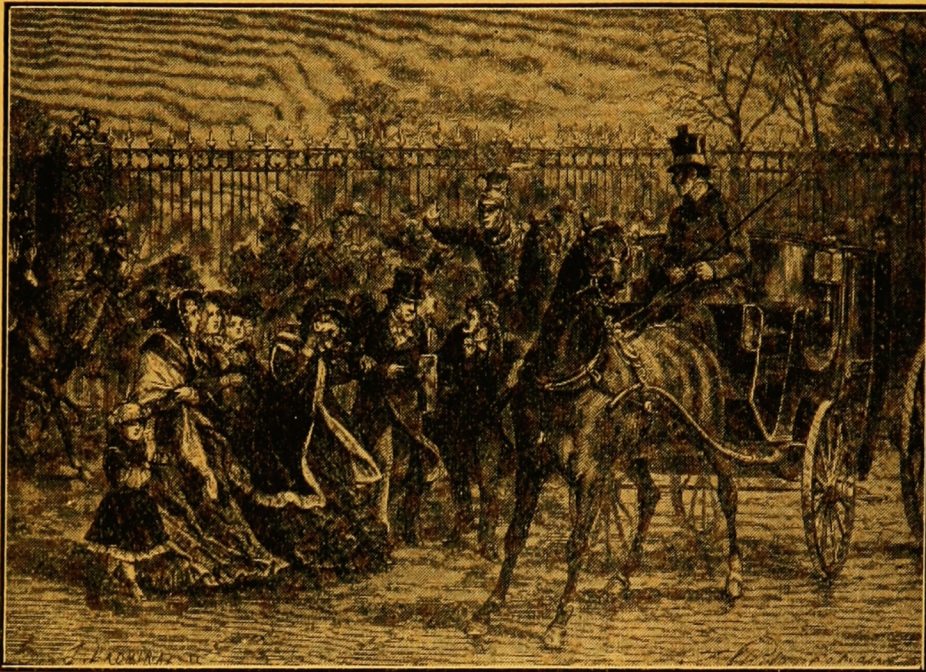
Estava feita a republica. Os estabelecimentos publicos eram protegidos pelo povo armado, bandos de andrajosos velaram pelo Banco e pelos seus thesouros, o enthusiasmo esfusava em todos os rostos. Lamartine e Luiz Blanc fizeram parte do governo provisorio.

Pouco depois, no dia 25 de fevereiro, um operario á frente d'um numerozo bando armado penetra na sala onde deliberava o governo provisorio e exclama:

— Cidadãos, a organização do trabalho! o direito ao trabalho dentro d'uma hora! tal é a vontade do povo, que está esperando.

Apoz acalorada discussão o governo assentou n'uma formula que o obrigava a dar sempre trabalho a quem lho exigisse, como um direito! Mas, pouco depois, grupos numerosos, levando desfraldada uma bandeira vermelha, irromperam na sala das sessões. Lamartine saiu a defrontar-se com elles, e o alto porte, o gesto largo, a voz sonora, a serenidade do tribuno acovardaram a turba enfurecida.

— O governo prefere a morte, disse Lamartine, a deixar-se deshonrar obedecendo-vos. Pela minha parte hei de repellir até o fim essa bandeira de sangue... A bandeira vermelha nunca deu volta senão ao Campo de Marte,



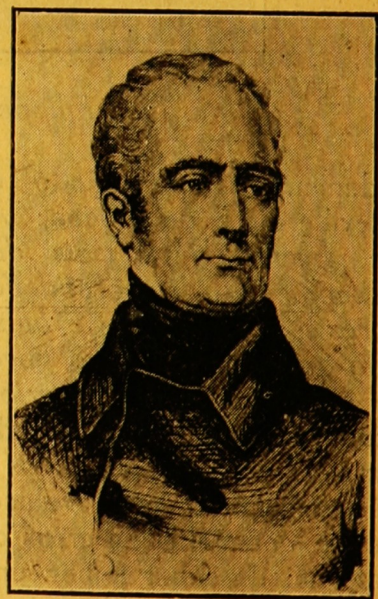
Luiz Filippe sahe das Tulherias

Luiz Filippe vestiu-se á paisana e sahiu das Tulherias por uma porta falsa; rei, rainha e princezas amontoaram-se em tres pequenos carros de praça, que tomaram a galope pela estrada de Saint-Cloud.



Guizot

Guizot, chefe do governo, fugiu para Inglaterra vestido de mulher.



Lamartine

arrastada no sangue do povo em 91, a bandeira tricolor deu volta ao mundo, com o nome,

a gloria e a liberdade da patria.

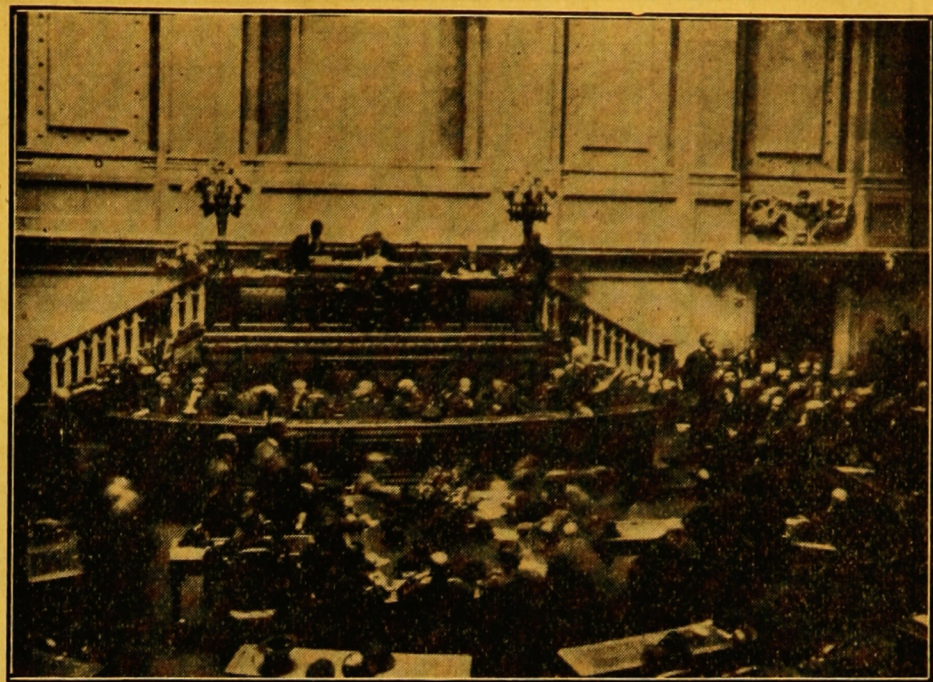
O grande poeta alcançou n'esse dia um dos seus grandes triumphos, e a multidão dispersou para voltar repetidas vezes.

A 24 de fevereiro de 1848 foi proclamada a republica, a 27 o povo desmanchou as barricadas. Todas as corporações forenses, administrativas, commerciaes apresentaram-se no palacio municipal. As adhesões choviam copiosamente. Os marchaes, o arcebispo, o clero, os antigos deputados, Odilon Barrot, os proprios legitimistas, tudo adheriu como que se todos tivessem sido toda a vida republicanos.

Tempos depois...

O trabalho nas officinas parou, vivia-se na rua, aparentemente alegres os animos andavam inquietos, o governo aboliu os titulos de nobreza, toda a gente imaginava que o Estado podia fazer tudo e exigiam-lhe que o fizesse e sem demora, todos limitavam as suas despesas contribuindo assim para aggravar o mal, sustava-se o trabalho particular, multiplicavam-se os clubs.

Ao fim de tres mezes um operario dizia: —



LISBOA—Um aspecto do parlamento na occasião da leitura da nota governamental pelo presidente do ministerio

(Cliché do nosso corresp. phot. de Lisboa)

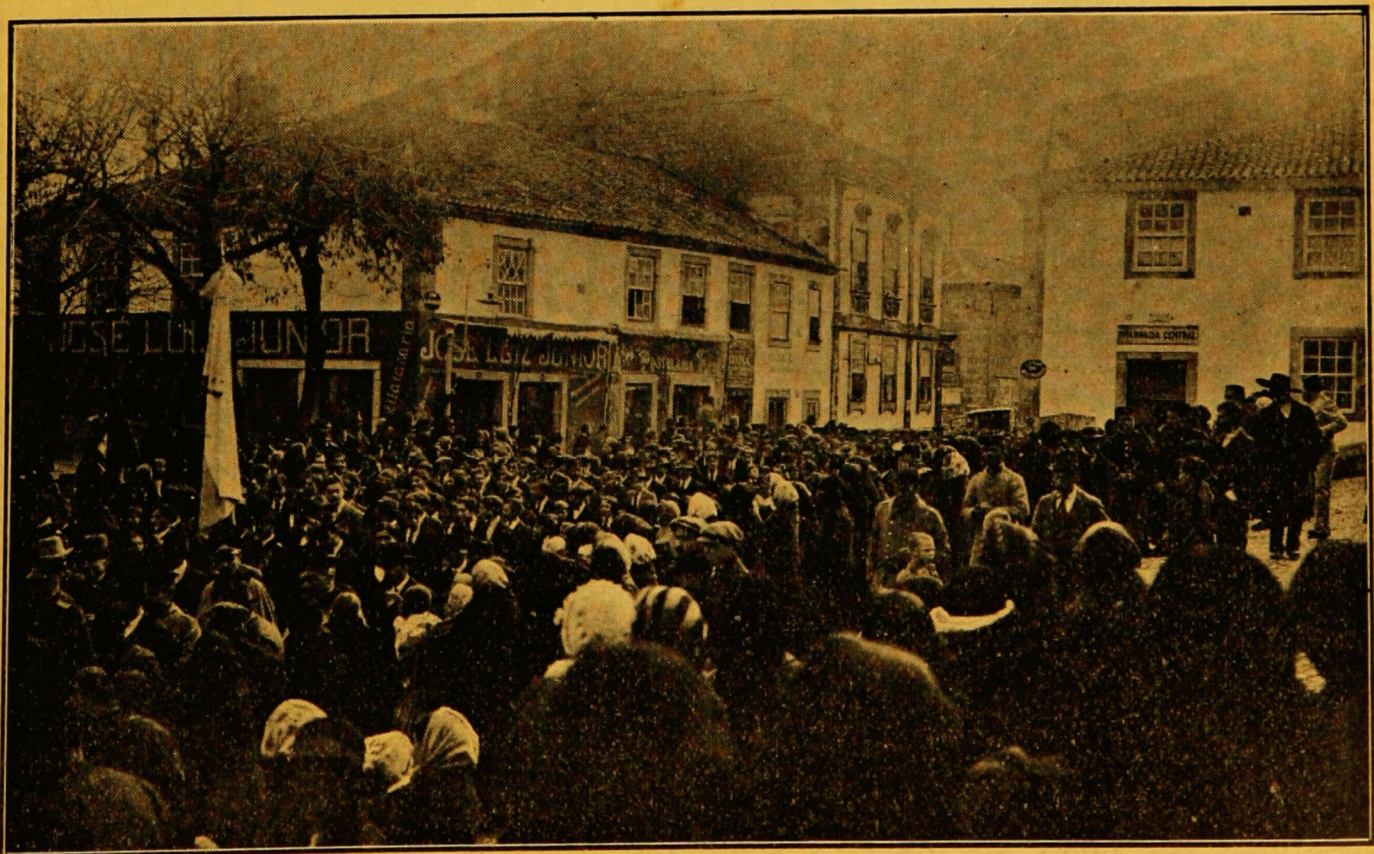
Temos tres mezes de miseria ao serviço da republica!

Em 2 de dezembro de 1852, Luiz Napoleão dava o golpe de Estado e acabava a republica.

Mas esta pagina de historia é de hontem ou é de hoje?

A. C.

GUARDA -- Partida dos expedicionarios



O povo, em grande massa, acompanha á estação os soldados que vão seguir para Lisboa



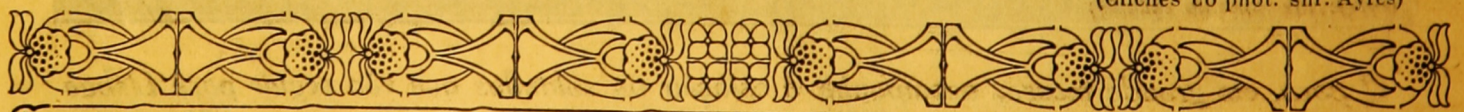


GUARDA—Chegada á estação do caminho de ferro



Na "gare," da estação o povo faz a mais imponente manifestação na despedida dos expedicionarios

(Glichés do phot. snr. Ayres)



FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)



Visconde de Guedes Teixeira

XI



EM d'ahi a desorientação politica de Lamego e que, morto o Visconde, deu grande vulto a José de Alpoim, convencendo muitos de que o partido regenerador lamegense apenas representava o orgulhoso predomínio d'uma casta, enrincheirada no oiro do Banco.

o Visconde deixava o mundo, trocando-o pela eternidade. O finado fôra tão grande, que os successores, seus partidarios, pareciam pequenissimos... além de que os progressistas, decerto na melhor das intenções, não se esqueciam de os darem como verdugos e exploradores astutos do chefe extinto que teria sido mais victima d'elles do que dos mais sangrentos adversarios.

Aquelles progressistas estavam longe de ter a lealdade — diga-se tudo — dos que, mais da escola do dr. Cassiano Neves, depois deram a José de Alpoim uma força respeitavel e devotada, avultando em prestimos e competencias puras como os do dr. Rufino Osorio, hoje valente director da *Restauração*, de Costa Junior,



O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Manuel Vieira de Mattos, venerando Arcebispo eleito de Braga, com alguns condiscipulos do curso theologico concluido em 1882 no Seminario Conciliar de Braga

(Photographia tirada por occasião da reunião do mesmo curso, realizada em 7 de Novembro de 1907 no Bom Jesus do Monte)

Isto passou como verdade positiva, lisongeira das aspirações liberaes, e eu proprio, se, ao receber a nova da morte de Guedes Teixeira, devotei ao grande finado um artigo em que o pezar porfiava com o mais independente espirito de justiça, me afervorei, comtudo, pelos progressistas, defendendo, como podia e sabia, o alpoinismo para o deixar depois, mais sceptico do que indignado, pela mais ingenua das propagandas republicanas.

Mas eu tinha a desculpa da mocidade, da inexperiencia, da ignorancia dos homens e das coisas, e entrava no jornalismo politico quando

do dr. Ayres de Lemos, do dr. Oliveira Castro, do dr. Manuel Quintella, do dr. Arnaldo Vieira e outros.

Eram progressistas á patuleia, aggressivos, ferozes, nada escrupulosos nos meios. Feriam tanto com os olhos como com a lingua e julgariam ignominia terem uma palavra de paz e justiça a proposito do adversario mais digno. Queriam talvez amar e servir Lamego, mas, como os factos escarmentadoramente m'o provaram depois, reconhecendo-se elles depressa impotentes, ou incapazes, para beneficiarem a sua terra, teimaram nos seus pessoalismos, que dis-

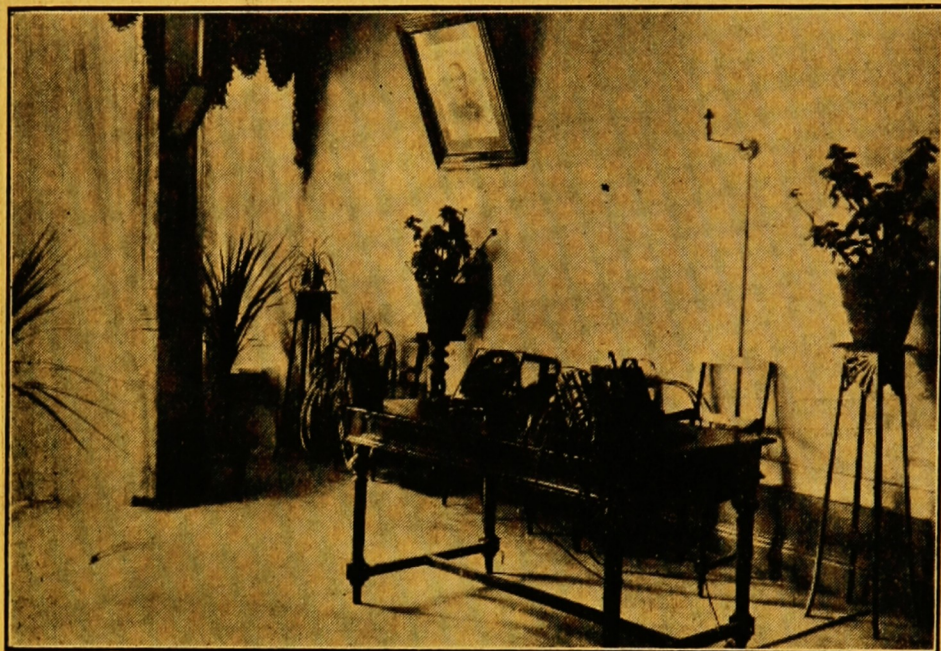


1948
1882
66

farçaram em principios, e assim foram consolidando o pedestal, decerto justo, de José de Alpoim, mas sem que este famoso politico podesse, por singular infelicidade, dar aos seus amigos, em boas realidades, a decima parte das suas promessas gentis. Promessas gentis! Nunca as houve mais carinhosas e estimulantes. Ouvi-as mais tarde, em casa do Deão, quando o partido progressista era, como pôde dizer-se, *mais humano*, e nem n'esse tempo, vendo o futuro chefe dissidente que tudo lhe perdoavam — olvidos, delongas, contradições, pesados sacrificios — a promettida terra de Chanaan se revelou, ao menos... na linha ferrea de La-



VIANNA DO CASTELLO — Benemerita «Delegação Districtal da Cruz Vermelha»



- 1) O interior do edificio no dia do bando precatório promovido ultimamente para ajuda das despesas a fazer com as ambulancias que tenham de acompanhar o nosso exercito ao campo da batalha.
- 2) Sala das sessões da mesma associação.
- 3) Grupo da commissão installadora da "Delegação Districtal da Cruz Vermelha," da qual foi primeiro presidente o snr. dr. João d'Espregueira da Rocha Paris X e o actual snr. José Caetano de Palhares Vianna, que está sentado á sua esquerda.

mego á Regoa!

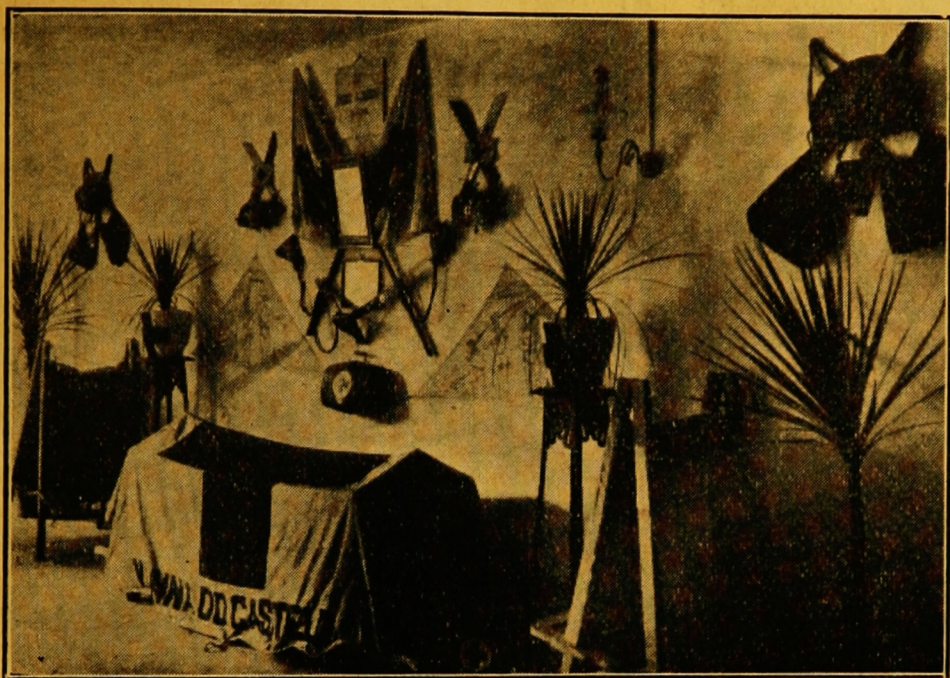
Tristissimo destino o de Lamego ter em José de Alpoim um politico tão desditoso, porque não tenho factos positivos para affirmar, como tantos, que o fogoso politico pensou sempre apenas em si proprio, desde deputado a ministro e par, invencivel com o seu *Janeiro*, com o seu *Douro*, com a sua *Revolução Franceza*, mas muito pouco util aos que se derreavam deante da sua facundia, da sua audacia, da sua energia combativa, um tudo-nada desdenhoso da humildade dos que o contemplavam.

Creio que José de Alpoim foi infeliz, apesar das



suas boas intenções, servidas por meritos muito apreciáveis. Nas suas maiores injustiças e precipitações, nas suas apparentes vanglorias, contradictorios processos, apenas sinceramente vejo infelicidade, se não é antes a consequencia multimoda d'um temperamento escaldado, irreflectido, ao sabor d'uma ingenuidade que ninguem espera em tão genuino politico, mas que nem por isso deixa de caracterisar os fre-

com selvageria e furia, espancaram, falsificaram, acarneiraram, tumultuaram e opprimiram.., e venceram. Lamego teria inutilisado as hordas de Tarouca—se ellas não eram dirigidas por lamecenses—caso tivesse visto quanto se arruinava, não elegendo unanimemente o Visconde. Não o viu, e assim a sua votação, apesar de honrosa para Guedes Teixeira, foi insufficiente.



O melhor amigo de Lamego era derrotado e em pelega tão excessiva e exhaustiva, que o snr. Antonio Albino d'Andrade pôde escrever com tanto brilho como justiça: — São volvidos 17 annos, e jamais foi disputado pela opposição, qualquer que ella tenha sido, a candidatura official de Lamego. Aquella renhidissima pugna, que a geração actual nunca poderá esquecer, parece ter esgotado as forças dos dois partidos militantes do circulo. Cançou-os.

Sim, e feriu de morte a nobre alma de Guedes Teixeira, apunhalando-a com um fel que nunca mais se desva-

quentes rasgos d'um intenso amor-proprio... aquelle amor-proprio que auto-suggestiona Alpoim até á convicção de que tem de ser polemista camilliano, logo que o contradigam, embora com primor e justiça.

Cahiu, em maio de 1879, o governo regenerador. Subiu ao poder o honrado Braancamp.

A camara dos deputados foi dissolvida. Gaudiam naturalmente os progresistas de Lamego, preparando-se para a lucta. O Visconde apresentava a sua candidatura.

Havia 12 annos que elle provava a Lamego que era o seu melhor e maior amigo. Em vão. Foi derrotado nas urnas... todos comprehendem como, á custa de tudo, principalmente dos expedientes formidaveis usados nas assembleias de Tarouca—então parte integrante do circulo 66. Não valeu ao Visconde a grande maioria que lhe deram, ainda assim, Lamego e o respectivo concelho. Os progressistas, prepotentes, encarniçados até ao delirio, não recuando deante de todas as manigancias—e algumas, meu Deus! de perfeita prestidigitación—luctaram



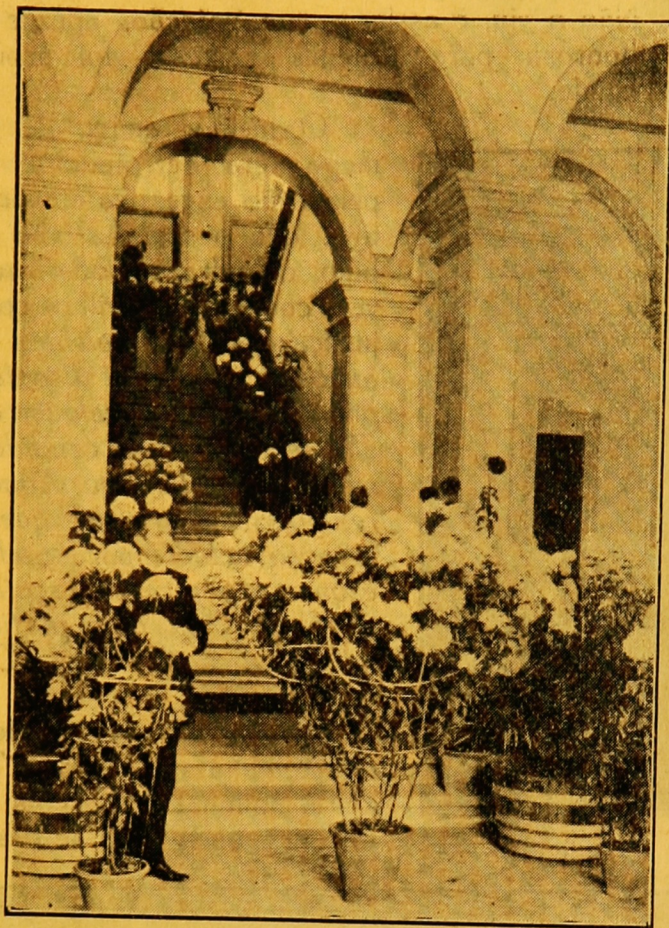
VIANNA DO CASTELLO—Mais dois aspectos do interior do edificio onde está installada a benemerita "Delegação Districtal da Cruz Vermelha."

(Clichés cedidos gentilmente pelo dist. phot. am. snr. José Maria)

neceu. O Visconde, colhido de surpresa por uma chicotada tão propria de ingratos e de fanaticos, cambaleou, apesar de forte, e pôde dizer-se que começou então a longa e pungente agonia de tão alto e luminoso espirito.

JOSÉ AGOSTINHO.

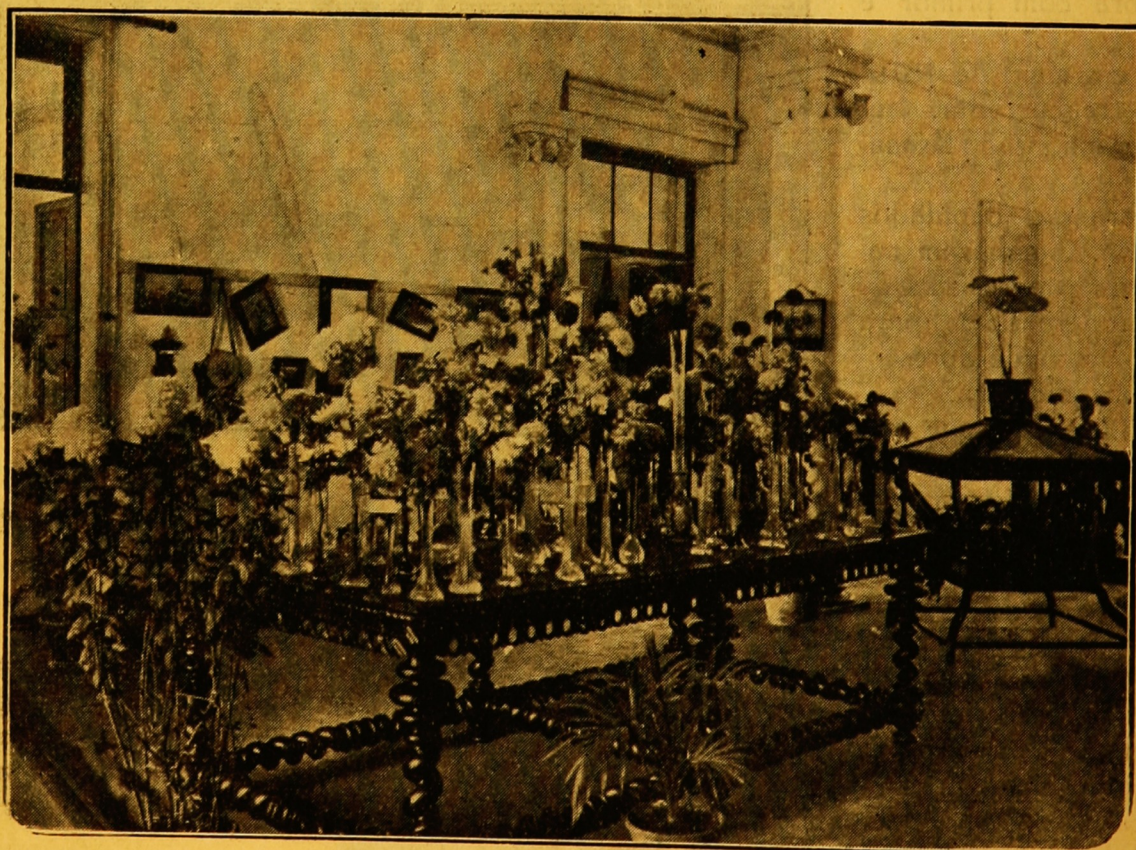
Açôres--Exposição de chrysanthemos no edificio da Camara Municipal de Angra do Heroismo



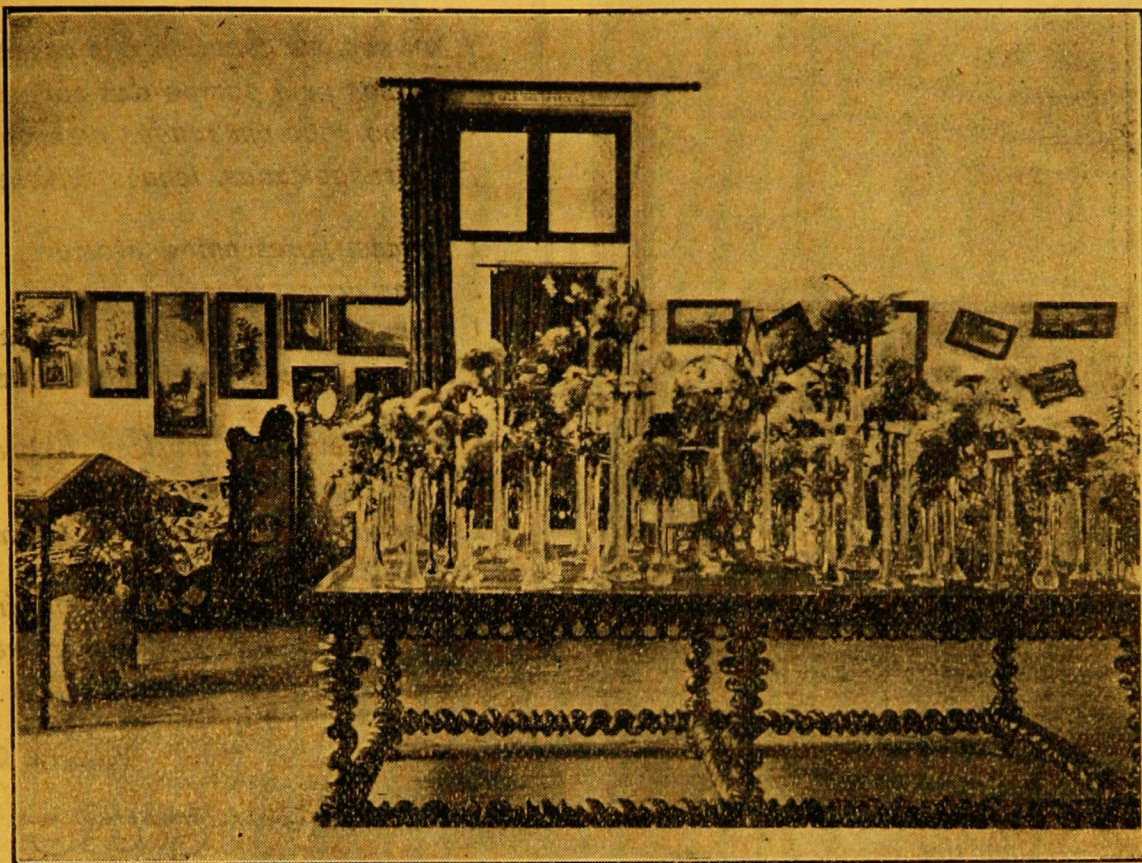
Vestibulo e escada central do edificio. A' esquerda o distincto medico e floricultor snr. dr. Lino



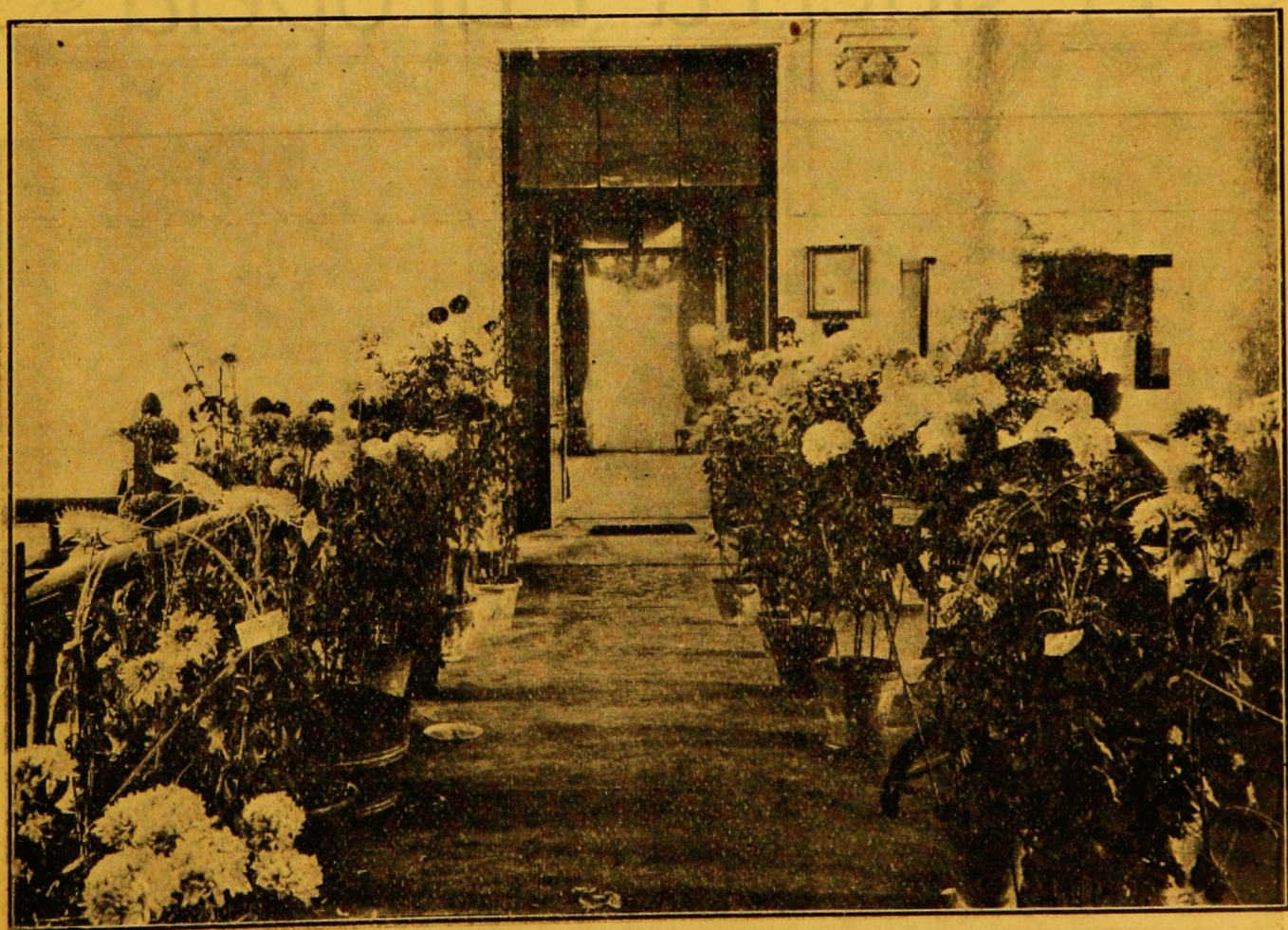
Um aspecto da escada lateral



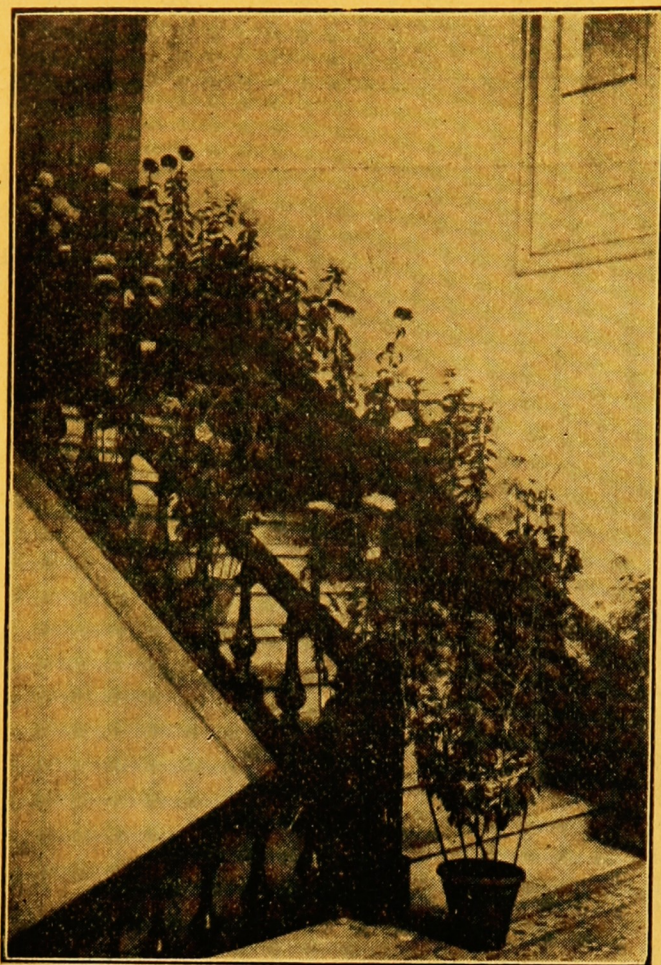
Salão de entrada.—Flôres cortadas



Outro aspecto do salão de entrada



Lindos exemplares expostos no salão nobre



Açôres — Uma das escadas lateraes
(Clichés do dist. phot. am. snr. Castro de Canto)

SYPHONIA DA MANHÃ

II

∞∞

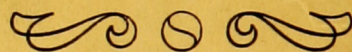
*E da sombra esbatida dos casaes,
Esparsos pela pompa das colinas,
O fumo sobe em rendas manuelinas
E esbranquiçadas, tenues espiraes.*

*Estaticas, florescentes, aromaes,
Sob as doces alturas azulinas,
Olham o ceu as arvores franzinas,
Como os santos das velhas cathedraes.*

*Campos lavrados, musicas, fragancias...
Na tepidez macia da manhã
Esvoaçam leves, brandas resonancias.*

*Vestem de flôr e aroma as oliveiras,
Abre em bagos vermelhos a romã
E o Senhor abençoa as oliveiras...*

JOÃO DE CASTRO.



A Guerra Europeia



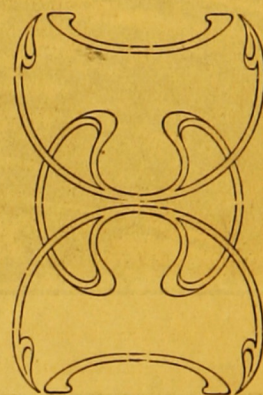
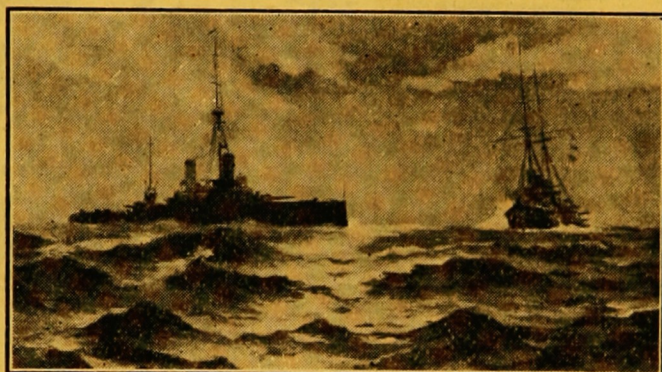
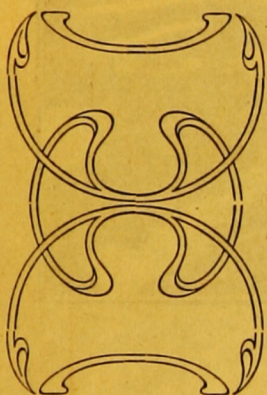
Delotão de hussards francezes fazendo um reconhecimento perto do rio Somme



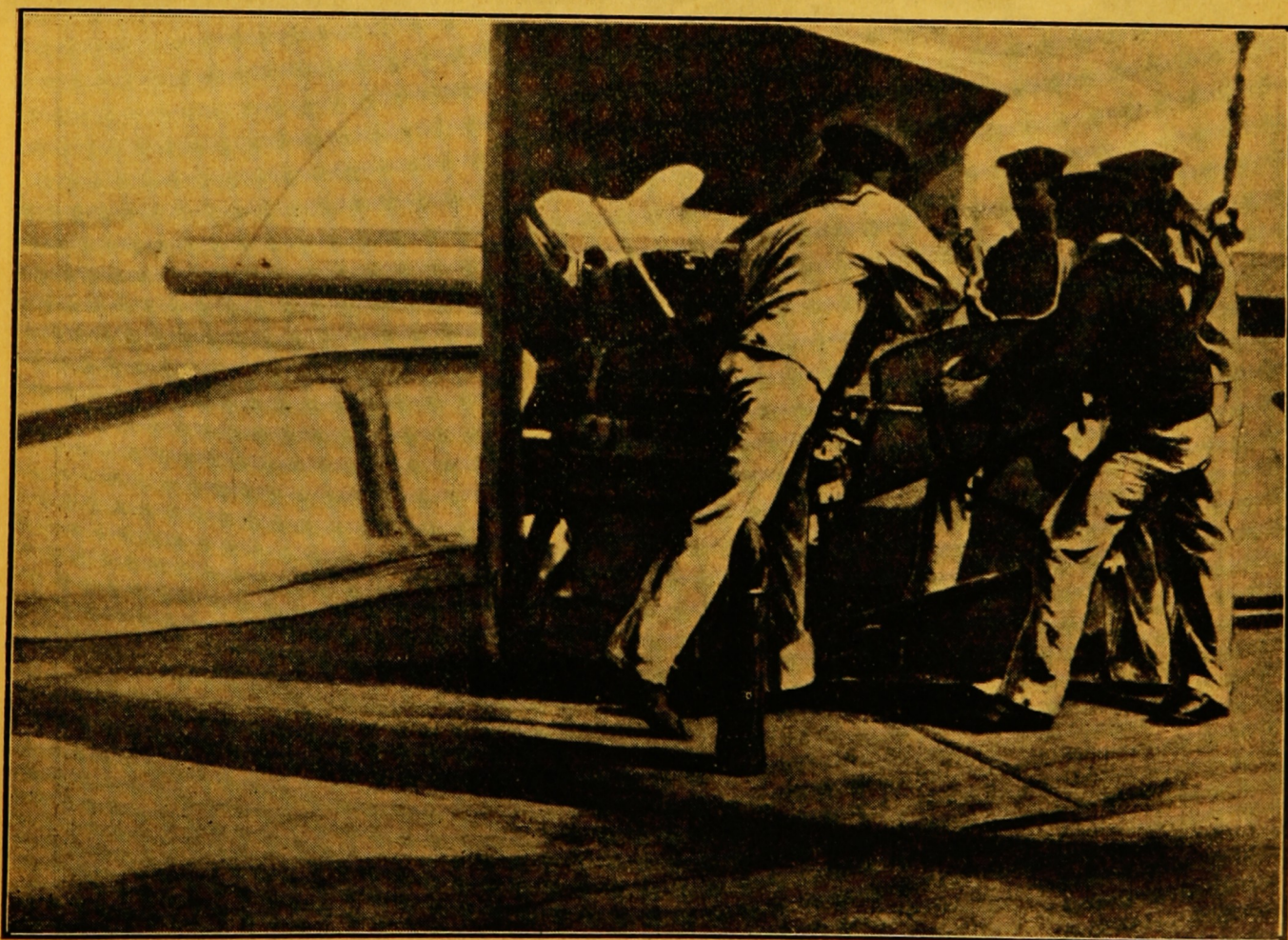
As trincheiras russas na Polonia



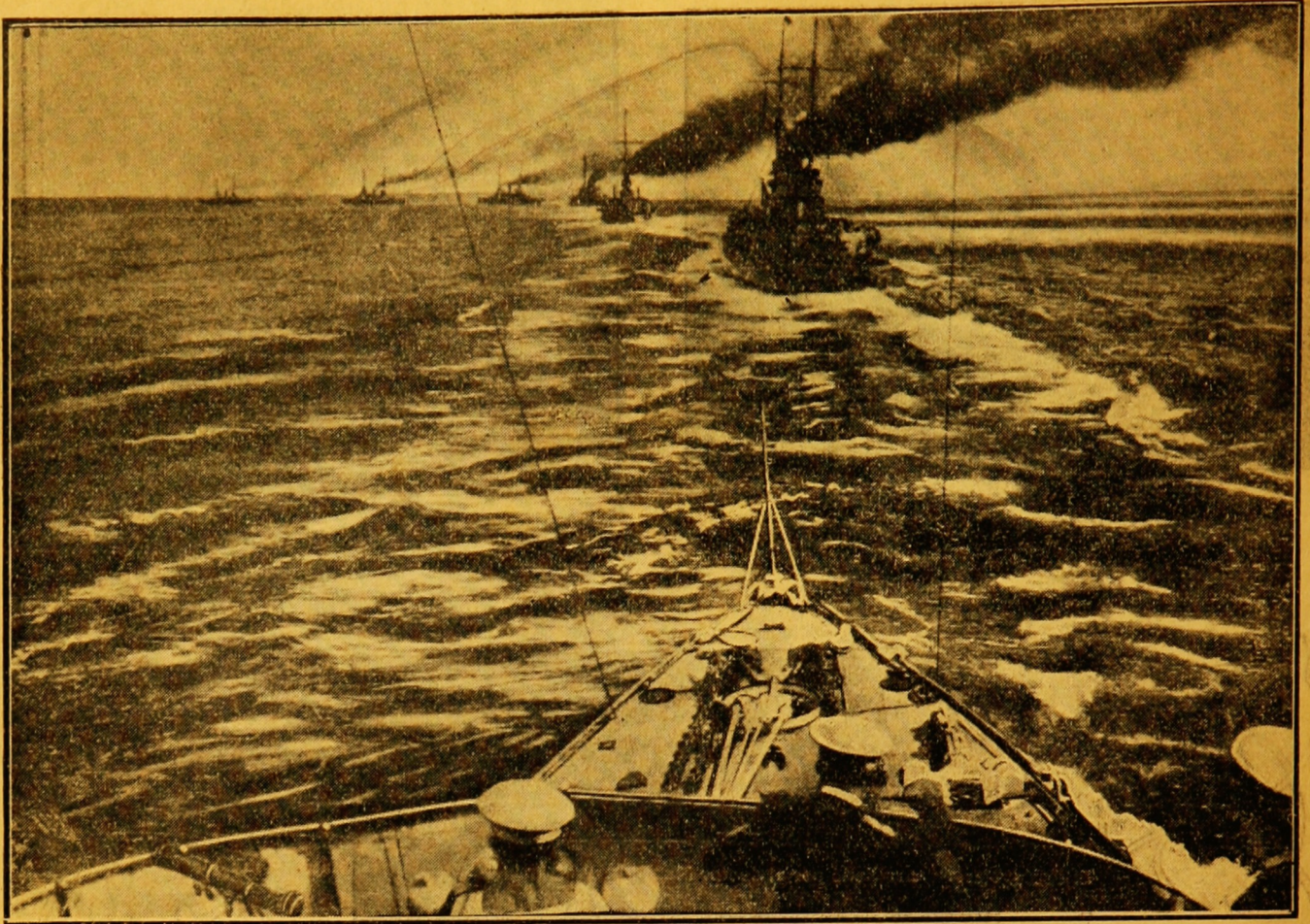
M. Kravchenko, correspondente de guerra, retratando um espião capturado por uma patrulha de cossacos



O cruzador allemão «Emden», levado a pique por um navio inglez



Artilheiros allemães fazendo fogo contra o inimigo



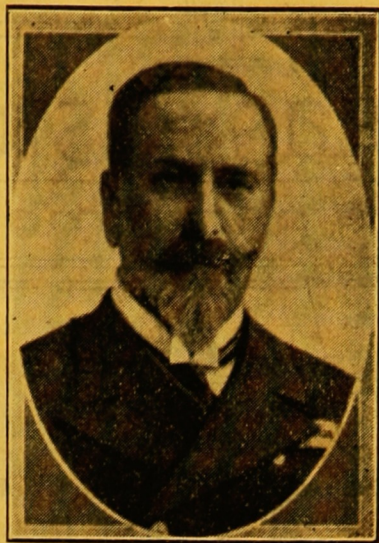
A armada allemã na linha de combate



Um official allemão lendo noticias da guerra a um grupo de marinheiros



O general alemão Vcn Hindenburg, actualmente a figura mais popular da Alemanha



O Principe Luiz de Battenberg, ex-primeiro Lord do Almirantado inglez



Lord Fisher que succedeu ao principe de Battenberg no cargo de primeiro Lord do Almirantado inglez



Um combate nas ruas da Belgica entre soldados inglezes e allemães



As tropas indianas que luctam ao lado dos alliados dando uma carga de bayoneta contra as tropas allemãs

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

E

RA vice-rei de Portugal, por nomeação de Philippe III, D. Christovão de Moura, marquez de Castello Rodrigo.

Um dia que o marquez atravessava as salas do paço, seguido de numerosos fidalgos e pretendentes, dirigiu-se-lhe Francisco de Azevedo Coutinho, soldado honrado e de justa fama na India, a entregar um memorial.

—Peço a V. Senhoria se lembre dos meus papeis, pois ha muito tempo ando pretendendo.

Respondeu o marquez com azedume;

—Ha muita gente a attender e nem a todos posso despachar com brevidade.

Aprumou-se Francisco de Azevedo Coutinho, adeantou um passo e ousou desenvolto:

—Senhor D. Christovão, despache V. Senhoria os homens e deixe para depois a gente.

Olhou-o attento o marquez, acceitou o memorial e despachou como lhe era requerido.

Perder por ser cortez

A' porta d'uma sala do paço, encontraram-se D. João Coutinho, conde de Redondo, e, D. João Pereira, *irmão gêmeo e mais novo* de D. Diogo Pereira, conde da Feira. Instando ambos porque o outro entrasse primeiro, e, vencido, o conde de Redondo, disse, sorrindo:

—Se V. Mercê não fosse tão cortez logo ao nascer não tinha perdido o morgado.

O desengano

Um lettrado de Entre-Douro e Minho foi a Lisboa requerer a D. João II um certo emprego. O rei indeferiu:

—O emprego que pedes já está dado.

O pretendente beijou-lhe as mãos agradecido. D. João II estranhou o regozijo e perguntou com aspereza;

—Entendeste-me?

—Muito bem.

—Porque me beijas as mãos?

—Senhor, por cincoenta cruzados que trago commigo para gastar com este requerimento, e como V. Alteza tão breve me desenganou supponho que me fez mercê d'elles.

Gostou o rei da resposta e deu-lhe officio mais rendoso.

Homens e gente

Camponez de Bearn

Henrique IV, quando ainda rei de Navarra, era adorado pelos seus subditos, os bearneses, com quem acamaradava em caçadas e outros folguedos. Sendo já rei de França, viu, entre a multidão que atulhava o Louvre, um dos seus companheiros de caça, que lhe estava fazendo signaes de amizade, em que fingiu não reparar. Acabada, porém, a recepção chamou ao seu gabinete o camponez, abraçou-o alegremente e perguntou-lhe se não estava contente de o ver rei de França.

—Sem duvida que estou, mas o que me desgosta é vêr que vos fizeste algum tanto soberbo!

Ostracismo de Diogenes

Contra o philosopho Diogenes foi dictada a seguinte sentença:

—Os magistrados de Synope ordenam-te que saias d'esta cidade e que nunca mais aqui entres.

Diogenes, arrimado ao seu bordão, respondeu aos magistrados:

—E eu vos condemno a ficardes sempre em Synope.

* * *

Se alguma vez encontrar um homem impecavel, denuncio-o ao universo.—*Simonides*.

Medem-se as torres pela sombra, e os grandes homens pelo numero dos seus invejosos.—*Proverbio chinez*.

A preguiça caminha tão devagar que a pobreza a alcança logo.—*Franklin*.

Governar não é fallar.—*Littré*.

O homem que vos dá conta da sua vida, sem primeiro vos vêr mais de mil e quinhentas vezes, tende-o na conta de parvo.—*Luiz Pestana de Brito*.